



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Documentação Pedagógica: experiências com projetos

Sinop, v. 9, n. 1 (23. ed.), p. 10-22, jan./jul. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

APRESENTAÇÃO

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: registro, reflexão e acompanhamento da criança

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru/SP - Brasil

A documentação pedagógica é uma temática recorrente pelas equipes escolares de Educação Infantil, pois é “... um processo cooperativo que ajuda professores a escutar e observar as crianças com que trabalham, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas com elas”¹. Tal proposta envolve uma série de questões, entretanto, uma é central e vai gerar uma orientação para essa etapa da educação, nas palavras de Rabitti, que acreditamos sintetizara forma como enxergamos, agimos e acreditamos nas crianças, a qual temos “... a imagem de uma criança rica, forte e poderosa Uma afirmação que se contrapõe à tentativa de realçar suas necessidades, as fraquezas, os temores das crianças e a calar, lamentavelmente, suas potencialidades e direitos”².

Nesse aspecto, a criança é vista como um ser competente e ativo e, dessa forma, essa concepção nos move para a organização de uma pedagogia que reconhece os seus direitos e de suas famílias³. Direitos estes destacados em muitos documentos. Porém, para sua efetivação, é necessário um posicionamento firme, não só na definição de criança como um sujeito, desde o surgimento da vida, em um período denominado infância – muito rápido se considerarmos a expectativa de vida

¹ GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Org.). **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150.

² RABITTI, Giordana. **À procura da dimensão perdida**: uma escola de infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 160.

³ UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças** – UNICEF. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf >. Acesso em: 5 abr. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

da população nesse século –, porém período de base para um grande edifício, que será construído no decorrer da vida.

Nesse sentido, principiar encaminhamentos para a entrevista realizada pela Prof.^a Dr.^a Angela Ubaiara com a Prof.^a Dr.^a Tizuko Morchida Kishimoto, intitulada **Documentação pedagógica como ferramenta para planejar, avaliar e monitorar percursos de construção do conhecimento**, é ocasião de estudar um processo e um produto relativo ao que é a documentação, qual seu objetivo, como ocorreu o processo de registro, como torná-la viva e apoio ao acompanhamento da vida da criança na escola; e, posteriormente, o que é a documentação pedagógica – e, sobretudo, a documentação pedagógica como um tipo registro, que há em várias categorias de suporte, tais como a folha de papel, fotografia, vídeo, gravação, escultura, a organização do mundo pela criança em objetos e representações compostos engenhosamente, por um fato, uma emoção, um objeto, um momento pensado, criado, na imaginação e materializado no registro. Tal registro, nas suas múltiplas formas, expõe e perpetua a ação da criança para que possa ser fonte de acompanhamento das suas conquistas, das suas descobertas, avanços e dificuldade em conhecer e aprender com sua ação no mundo.

No percurso de apresentação do texto, sobre documentação pedagógica, haverá um breve panorama sobre a questão do registro pelo homem, da tradição oral aos desenhos, como forma de marcas deixadas no período pré-histórico, a criação da escrita como forma de perpetuar as lembranças, as conquistas e do progresso humano. Seguimos com a apresentação dos precursores do registro e da documentação pedagógica na educação no início do século XX, que mostram os fatos que antecederam ao que conhecemos hoje, na proposta de instituições escolares italianas, que têm como referência as “Cem Linguagens da Criança”, elaborada pelo pedagogo Loris Malaguzzi e seus parceiros, educadores das crianças da cidade de Reggio Emilia, região da Emília-Romanha, Itália e, finalmente, um painel sobre o gênero da esfera do discurso – entrevista – para finalizarmos com os pontos centrais das ideias sobre “Documentação Pedagógica como Ferramenta para planejar, avaliar e monitorar percursos de construção do conhecimento”, de Kishimoto e Ubaiara.

DOCUMENTAR: uma prática humana

A contextualização sobre a documentação pedagógica requer retroagir no tempo e inseri-la no contexto histórico. As mudanças decorrentes do domínio do fogo, do adestramento de animais e do controle da agricultura potencializaram a permanência e o domínio pelo homem da natureza. Os dados dos tratados arqueológicos apontam aproximadamente há 35 mil anos que surgiu a arte paleolítica, na Europa, com as pinturas nas paredes das grutas, pequenas esculturas em madeira ou pedra, representando várias vezes símbolos de fertilidade, a exemplo Vênus de Willendorf. O homo sapiens existe há aproximadamente 30.000 a 50.000 anos, sendo que os registros mais antigos de escrito datam de apenas 6.000 anos.

Nesta esteira, a transmissão oral, as pinturas rupestres, os registros iconográficos e, muito posteriormente, a escrita – configuração altamente elaborada que nasceu da necessidade de ir além da tradição oral e dessa forma de registro, como apontam Olson e Torrance⁴ –, é uma criação humana e não da natureza, sendo que desde o início o seu uso esteve sob o controle e prática limitada às elites clericais ou comerciais que tinham as condições necessárias para aprendê-la e dominá-la, enquanto que, ao governo e à vida cotidiana, a comunicação oral era a que prevalecia.

Tomamos Amadou Hampâté Bâ⁵ a afirmação de que “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, pois suas lembranças são como vários livros que se abrem, com histórias que mantêm viva a história de um povo, com profusão de detalhes e acompanhamento dos fatos ocorridos. Nesse sentido, aproximando da temática do texto – o registro da vida das crianças, quando permanece na oralidade para a transmissão das experiências cotidianas, perde-se no tempo e não registra a história das conquistas de cada criança, ficando no esquecimento, evidenciando somente um estado momentâneo, sem história, sem processos que mostram avanços e dificuldades para que compreendamos como foram percorridos tais caminhos.

PRECURSORES DO REGISTRO E DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

⁴ OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1996.

⁵ HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas/Casa das Áfricas, 2003.

A visão da criança como um ser competente, rico em potencialidade para aprender e ensinar aos adultos sobre si e seu desenvolvimento pleno, não é algo natural; pelo contrário, o século XVIII tem um momento inusitado de mudança na obra de Rousseau. Entretanto, como mostram Gauthier e Tardif⁶ não houve uma transformação real e duradoura das práticas pedagógicas para as crianças nos séculos XVIII e XIX. Seguindo as ideias de Rousseau, Pestalozzi (1746-1827) foi um utopista, mas suas ideias e ideais são, praticamente, insignificantes frente à manutenção das práticas educativas e sociais vigentes nesse período em relação à criança.

O fato marcante do século XIX foi mais na organização da educação popular do que no plano de inovações dos métodos pedagógicos, o contraste, segundo Gauthier e Tardif⁷ “... ainda no início do século XIX, só um terço das crianças francesas vão à escola... Mas, no fim do século, quase todas as crianças estão escolarizadas.” A ênfase não estava no questionamento sobre “... os princípios de ordem e de autoridade da escola; ainda se desconfiava da criança”.

Do final do século XIX ao início do século XX, a tradição religiosa cristã dominava e influenciava a educação, as escolas cristãs ensinavam da mesma forma como era no século XVII. Apesar do aumento no número de alunos, permanecia a mesma ideologia, de ordem e de controle em vigor dos séculos anteriores. Mas esse modelo de educação começa a ser denunciado na primeira metade do século XIX pelos partidários da pedagogia.

Como apresenta Gauthier e Tardif (2013), Rousseau é o grande inspirador de Edouard Claparède com que traz mudanças importantes no que tange à concepção de infância e educação, quando se abre um espaço de reflexão sobre a educação, “Uma primeira onda chega ao fim no século XIX. Segundo Ferrière, a expressão ‘escola nova’ (*new scholl*) parece ter surgido na Inglaterra por volta de 1889”. É interessante apontar que as maiores contribuições para a educação e aos

⁶ GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Org.). **A pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁷ Ibid., p.161.

problemas de ensino aprendizagem, como aponta Delval⁸, advém de educadores de diversos países, tais como John Dewey (1859-1952), Maria Montessori (1870-1952), Ovide Decroly (1871-1932), Celestien Freinet (1896-1966), que trouxeram grandes contribuições para o século XX e não se dedicavam à Pedagogia, mas a outras áreas do conhecimento. Entretanto, foram aqueles que ajudam a mudar a educação, principalmente, das crianças.

A segunda onda que mostra as mudanças na educação ocorreu após a Grande Guerra, posteriormente, chamada de 1ª Guerra Mundial, uma ação global centrada na Europa, iniciada em 28 de julho de 1914 e que durou até 11 de novembro de 1918. A descrença na humanidade, em virtude dos resultados do uso da ciência e da tecnologia, ou seja, do conhecimento humano, que nunca havia matado tanta gente em tão pouco tempo, é o momento crucial para se questionar a reforma da educação e “... criar um novo tipo humano, a fim de suprimir definitivamente as causas da guerra”.⁹

Vê-se, então, a implementação de uma série de experiências pedagógicas envolvendo criação de associações, fundações, congressos entre outras. Das mais conhecidas estão a Escola de Summerhill (Inglaterra, 1921) por Alexander Neil (1883-1973), Roger Cousinet (1881-1973) para além de seu trabalho como professor criou a **Revista Nouvelle Éducation**, que confirmou um instrumento privilegiado de difusão do ideário da Escola Nova.

Apesar da temática abordada nesse texto ser relativa à documentação pedagógica, não há como realizá-la sem que se expusesse a importância das mudanças pleiteadas pelos idealizadores da Escola Nova, pois o registro das ações da criança só é reconhecido e respeitado quando importante e necessário para conhecê-la. É nesse instante a partir do qual ela deixa de ser uma cera a ser moldada, de estar em desvantagem e ser imperfeita e inacabada em relação ao que será quando adulta, da criação de programas e currículos a moldá-la e fora dela.

O registro e a materialidade de suas ações são imprescindíveis quando ela tem necessidades, energia criadora. A infância é um período com valor em si mesmo e não a um vir a ser futuro, no qual ela age, enaltece-se o desenvolvimento integral

⁸ CARBONELL, J. et al. **Pedagogia do século XX**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 110.

⁹ GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Org.). **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 166.

e único e que, para tanto, somente, se crie um programa que atenda aos seus interesses e necessidades. Entretanto, dada essas características da criança, suas criações, ideias, hipóteses, descobertas, conquistas entre tantas outras possibilidades, necessitam ser perenizadas em ações e formas que deem a compreensão do que queriam expressar, como pensavam, que sentimentos viviam para agirem daquela forma.

Nesse sentido, passamos ao que, no século XXI, foi concretizado por um grupo de sonhadores, mulheres de Villa Cella e um pedagogo, seis dias após o final da Segunda Guerra, na primavera de 1945, quando ocorreu “O inacreditável começo de uma escola dirigida por pais”¹⁰. Dos escombros da guerra à construção de uma escola que seria o início das ideias e da proposta pedagógica, que ficou conhecida como teoria das “Cem Linguagens”, uma experiência que ultrapassou mais de 50 anos de existência, correu o mundo e mostrou como esse vilarejo pôde transformar uma realidade em proposta que pode servir de inspiração para o mundo.

Os estudos sobre o uso da documentação pedagógica na Educação Infantil, no Brasil, vêm sendo objeto de reflexões e de interesse em sua utilização. Tal prática pode ser constatada em pesquisas de Bernardo da Silva¹¹, Santana Alves¹², que buscaram, nas bases de dados indexadas, em periódicos e não periódicos impressos e eletrônicas, dados sobre publicações a respeito dessa temática, outro indicador é relativo às demandas de escolas nessa etapa de educação por formação de suas equipes para viabilização de tal prática. Outro indicador a ser considerado é o volume de títulos traduzidos e publicados no Brasil, alusivas à proposta pedagógica para a Educação Infantil praticadas nas Escolas de Educação infantil, da cidade de Reggio Emilia, região da Emília-Romanha, Itália.

Tais dados chamam-nos a refletir sobre sua importância e viabilidade do uso da documentação pedagógica na formação de professores, pois demanda uma mudança em relação ao planejamento da educação das crianças nessa etapa da

¹⁰ MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 58.

¹¹ BERNARDO DA SILVA, Andressa. **Indicadores para uso de objetos lúdicos: instrumentos para multiletramento em creches**. 121 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

¹² SANTANA ALVES, Deise Luci. **Observação e Registro: Instrumentos para acompanhamento e avaliação na creche**. 188 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2017.

vida escolar, pois sua aplicação, sua prática, seu acompanhamento, principalmente, o registro e a avaliação das ações decorrentes dessa visão de educação que requer o monitoramento e a atenção constante para acompanhar as crianças nos seus processos de criação de aprendizagem.

Em 2016, em formação realizada pela RedSolare, no Grupo de Estudo América Latina – *The Reggio Emilia Approach to Education*, na cidade de Reggio Emilia, pudemos viver a experiência de conhecer escolas, a cidade, o Centro de Formação Loris Malaguzzi e a estrutura criada na região para receber visitantes que buscam conhecer essa estrutura criada que envolve família, a sociedade, para que as crianças sejam mais felizes e respeitadas. Na Exposição que “As Cem Linguagens da Criança”, que levou para diversos países as ações educativas nas escolas de Reggio, uma foi de tal impacto que palavras não podem traduzir a importância da documentação pedagógica, que ocorre no momento preciso, que apreende uma ação única e, muitas vezes, momentânea, mas que tem no olhar do adulto a sensibilidade de interpretar para além do ato e ultrapassar o visível.

O registro fotográfico colheu um momento memorável de um bebê, com idade aproximada de dezoito meses, Laura, que em quatro quadro evidencia as inferências que faz ao olhar uma revista com relógios de pulso; no outro quadro o relógio do adulto ao seu lado, como pode ser imaginado, a máquina funcionando produziu o som original de seu funcionamento, o que muito provavelmente atçou a curiosidade de Laura. O registro fotográfico não nos permite precisar as unidades temporais as quais ela teve para compor suas ações e desencadeamento de processo de reconhecimento na revista de um objeto similar. Portanto, se o objeto concreto fazia o tictac característico, como não buscar no registro em papel o mesmo fato? Palavras seriam suficientes para surpreender uma sucessão de ações tão marcantes e que dão pistas de como essa criança pensa?

Figura 1 - Laura e as experiências com o relógio.



Fonte: EDWARDS et al, 2016, p. 241-242.¹³

Poderíamos ter um exemplo mais concreto da importância desse registro?

A ENTREVISTA: uma forma de documentação pedagógica

As relações entre a linguagem oral – o falar, no qual temos o locutor e o receptor face a face – e a linguagem escrita na qual esses pares não se encontram, necessariamente, nos mesmos espaço e tempo, têm implicações complexas. A entrevista, aqui analisada, é gênero discursivo que alterna essas duas formas de comunicação. Quando falamos de gêneros da esfera do discurso, entende-se que seja texto com características próprias que permitem a compreensão do que eles vão abordar. Assim, tomando o pressuposto de Bakhtin (1992) de que todo “querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso”, a entrevista tem como função, geralmente, informar, veicular e esclarecer temáticas nas quais se realiza na oralidade, porém se concretiza e perpetua no registro escrito.

“Os tipos textuais são modos enunciativos de organização/atualização do discurso no texto efetivados por operações textual-discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude discursiva em relação ao seu objeto de dizer e ao

¹³ EDWARDS, C; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação.** Porto Alegre: Penso, 2016. v. II.

seu interlocutor.” Nesse sentido, Silva¹⁴ nos dá uma definição precisa dos tipos textuais e as relações entre o locutor e o interlocutor. Nessa esteira, as palavras ditas pelo entrevistado são transcritas de maneira fidedigna e, portanto, nos permitem verificar traços da oralidade bem como observações, que podem ser feitas para que o leitor possa viver mais de perto as emoções e os detalhes das falas.

Hoje as entrevistas são pontos fundamentais da mídia digital e impressa. Os meios de comunicação digital como a tv, as rádios *online*, os periódicos e outras formas de divulgação das notícias têm nessa forma de expressão ponto que marca e traduz, sem as características do texto acadêmico, sem as referências e organização de relatórios científicos, mas que têm objetivo de serem precisos, pontuais e de esclarecer fatos, questões, que são os pontos explorados.

A entrevista pode ser classificada como sendo um texto primário, por força de ser uma conversa entre duas ou mais pessoas, entretanto como a fala é perpetuada na escrita, que traduz para o suporte – no nosso caso virtual, em uma página de uma revista eletrônica ou impressa versão materializada no papel. Também, podemos falar em gênero jornalístico sem deixar de ser científico, pois privilegia uma área na qual o que será tratado e que se refere a uma área de conhecimento, como é o caso do texto que traduz a entrevista sobre Documentação Pedagógica, as relações entre o sujeito que faz as questões e o que as responde.

UMA ENTREVISTA: “documentação pedagógica como ferramenta para planejar, avaliar e monitorar percursos de construção do conhecimento”

Escrever a introdução da entrevista realizada por Ubaiara a Kishimoto, sobre Documentação Pedagógica, apontou a necessidade de contextualizar como a prática da documentação ocorreu para a humanidade, em busca de um cenário sobre a importância do registro para a espécie humana, da tradição oral ao uso de uma forma simbólica a escrita, como figura de eternizar as lembranças, as conquistas e do progresso humano.

Em seguida, a investigação de precursores do registro e da documentação pedagógica na educação no início do século XX, antecedentes e forma de

¹⁴ SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. *\$cripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1º sem. 1999.

inspiração ao que conhecemos hoje na proposta de instituições escolares italianas das Cem Linguagens da Criança. Ao que se seguiu um painel sobre o gênero da esfera do discurso – entrevista, para finalizarmos com os pontos centrais das ideias sobre “Documentação pedagógica como ferramenta para planejar, avaliar e monitorar percursos de construção do conhecimento”, de Kishimoto e Ubaiara.

A entrevista comporta os dois interlocutores: o que pergunta e o que responde, recorremos a Edgar Morin¹⁵ que analisa a entrevista em dois grandes blocos: entrevistas com o objetivo de espetacularização e a com propósito de compreendê-la em sua plenitude. Para efeito desse texto, é interessante trazer sua classificação conforme o grau de comunicação que proporcionar. Pois, segundo Morin (1973), quais sejam, a entrevista-rito – que ocorre como forma de enaltecer um evento, uma premiação, mostrar uma cerimônia, como o próprio nome confere um rito. A segunda entrevista, anedótica, que aponta questões relacionadas a mexericos e fofocas da vida de celebridades, ambas pouco se aproximando do que se apresenta na entrevista que culminou com o texto **Documentação pedagógica como ferramenta para planejar, avaliar e monitorar percursos de construção do conhecimento**.

O pensador francês, pródigo de ideias as quais leva o seu leitor por caminhos que clareiam e enchem nossos pensamentos com indicadores que permitem análises necessárias a todas as áreas do conhecimento, principalmente, para a educação, assim, a terceira, a entrevista **diálogo** não está relacionada à frivolidade de uma conversa, mas na busca de explicitação de um fato, da vida e na obra do entrevistado, em um assunto de importância, que é o centro da conferência. Nessa esteira, a última forma quanto ao grau de comunicação é a entrevistas **neoconfissões** – entrevistado e entrevistador são protagonistas no mergulho profundo na temática foco e fonte de esclarecimento, e de aprofundamento do que é tratado.

Sua classificação, nas quatro modalidades quanto ao grau de comunicação, aponta a frivolidade e superficialidade das duas primeiras e enaltecesse as duas últimas, ressaltando sua admiração e entusiasmo pela raridade das entrevistas

¹⁵ MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135.

diálogo e neoconfissões. A lembrança das ideias de Morin¹⁶ apoiam nosso endosso a importância e a indispensável necessidade de trazer à baila o esclarecimento a todos aqueles que atuam para a felicidade e o respeito às crianças. Assim, passamos a apontar os pontos marcantes da entrevista.

A documentação pedagógica é trazida nos aspectos mais interessantes e significativos, com perguntas pontuais e respostas precisas, sem serem simples, o que permitirá ao leitor conhecer as posições da pesquisadora Tizuko Morchida Kishimoto, que esclarecesse o assunto de forma a principiar a definição e as implicações do que seja a documentação.

Com respostas concisas, ricas de exemplos e com argumentação apoiada em anos de pesquisa, a definição de documentação abre o que seja, seguida da importância do registro para o professor, que acompanha e partilha as conquistas da criança, sendo que, em momentos únicos que se não forem detidamente guardados, serão esquecidos.

A leitura do texto, entre idas e vindas, para não perder nenhum significado do exposto, trouxe uma imagem, como uma visão metafórica, a imagem e um conceito foi presente, o de um Haiku ou Haikai, gênero poético japonês, que se transformou no decorrer do tempo. Na sua versão atual, são três versos, respectivamente, com 5-7-5 sílabas métricas¹⁷, que retratam tal qual uma fotografia um instante a ser eternizado, pois a documentação, na sua definição, trata disso, no qual um gato, uma gota de orvalho, uma criança é tida e a mais importante, capaz, e que é parte de um universo maior. Assim, para que registrar as falas, ações, descobertas e visões de mundo de uma criança? A resposta está no primeiro ponto da documentação – a criança como foco, das pedagogias participativas, nas quais a sua atividade é de “... questionamento, planejamento, experimentação e confirmação de hipóteses, investigação, cooperação e resolução de problemas”¹⁸.

¹⁶ MORIN, E. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

¹⁷ SOUZA, Ângela Leite. **Três gotas de poesia**. São Paulo: Moderna, 2002.

¹⁸ OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Org.). **Pedagoia(s) da Infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 17

Figura 2 – Haiku de Ângela Leite de Souza



Fonte: Ilustração de Lucia Hiratsuka (SOUZA, 2002, p. 9).

As questões que se seguem vão discorrer sobre a importância da família como primeiro grupo social da criança, que a recebe, acolhe e apoia sua inserção na sociedade. A tríade criança, família e escola, sendo que essas últimas têm papéis extraordinárias e distintos, porém integrados, e que em conjunto irão ter conhecimentos para realizar a documentação. Ponto de destaque são as condições necessárias para que ocorra a documentação, que o leitor terá mais dados para fechar o quebra-cabeça para a compreensão da documentação pedagógica.

A linguagem lúdica do brincar, jogar, cantar, falar, desenhar entre tantas outras, que dá o tom, o diferencial nos processo de aprendizagem da criança e da documentação, pois materializa-se nas “Cem linguagens da criança”, fecha o texto. Nessas ações, têm-se que assegurar os espaços, tempos e objetos para que a criança possa utilizar daquilo que lhe exercer o seu papel de brincar.

Correspondência:

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi. Doutora em Educação Brasileira –
Psicologia e Desenvolvimento Humano pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Câmpus de Marília. Professora da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Departamento de Educação, Bauru, São Paulo, Brasil. E-
mail: kobayashi@fc.unesp.br

Recebido em: 18 de abril de 2018.

Aprovado em: 09 de maio de 2018.